

Prof. Daniel Pereira

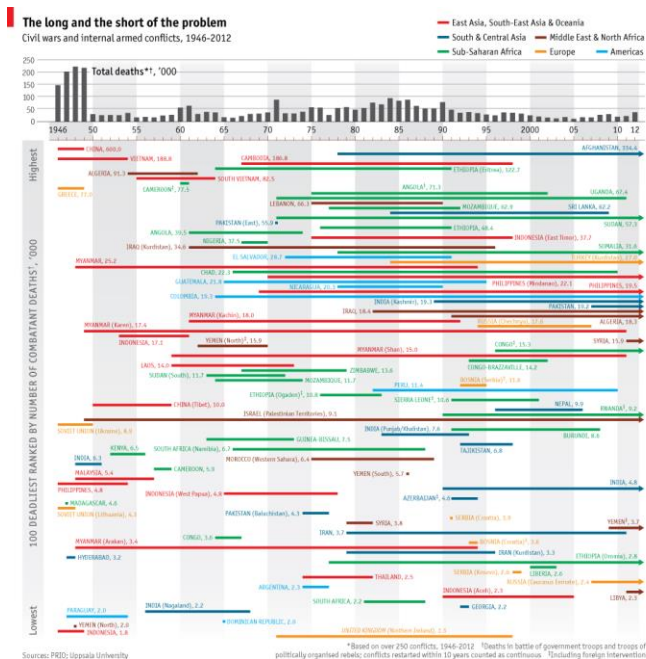
Questões fundamentais

- Quem são os 5 países que mais gastam com o setor militar?
- Os países hoje gastam mais ou menos do que no passado?
- Os exércitos hoje em dia estão maiores ou menores do que no passado?
- Quem são os maiores produtores mundiais de armas?
- O que é o complexo militar – industrial?
- Quais as regiões do mundo onde há mais conflitos hoje?
- Como a guerra da Ucrânia pode mudar o cenário futuro?
- Caracterize a “guerra híbrida”.

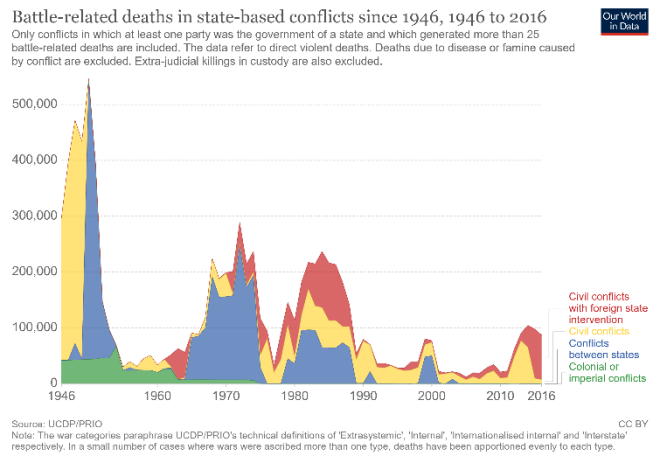
1. Conflitos no século XX

Para falar do cenário atual, é necessário comentar os conflitos do século XX, ainda que de forma substancial, já que muitos deles estão na raiz de crises atuais. Os conflitos são inúmeros, a guerra foi um fator permanente. A primeira metade do século foi marcada pelas duas guerras mundiais, além de conflitos menores, muitas vezes paralelos. A segunda metade, sob a lógica da Guerra Fria, viu o colapso dos impérios colônias e dezenas de guerras de independência que se misturaram com questões geopolíticas mais amplas. Foram tantos os conflitos que, se fossem somados em duração e em sequência, teríamos muito mais de cem anos de guerra em cem anos de história.

A imagem abaixo fica ilegível neste material, mas serve como referência (consulte os slides). Trata do período entre 1946 e 2012. Cada traço colorido é uma guerra.



Neste outro gráfico, vemos o número de mortes em conflitos, entre 1946 e 2016.



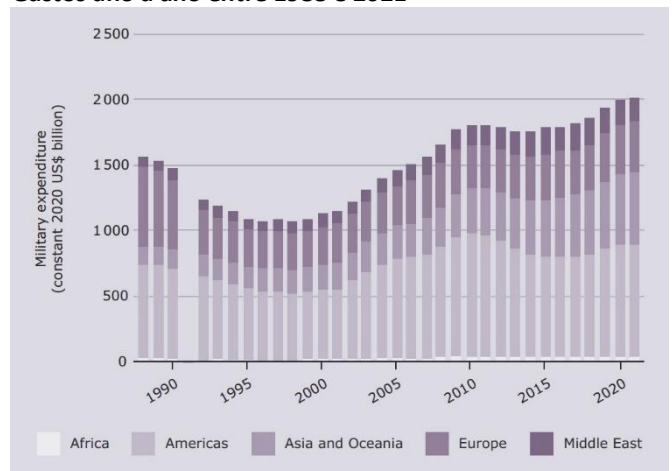
2. Gasto militar global

Os dados abaixo foram extraídos principalmente do relatório do SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute) para 2021. Este relatório é publicado anualmente, ao fim do mês de abril, e pode ser baixado diretamente do site do SIPRI (sipri.org).

Em 2021 o mundo gastou aproximadamente US\$2.1 trilhões com o setor militar, incluindo armas, estruturas, salários, aposentadorias, desenvolvimento, pesquisa etc. Isso representa **2,2% do PIB global**. Este gasto representa um crescimento de **2,6% em relação a 2020 em valor absoluto**.

Em termos absolutos, é o maior gasto da história, sendo a primeira vez em que a soma ultrapassa a marca dos US\$2 trilhões. Em porcentagem, houve anos em que o gasto representou uma parte maior do PIB global (em 2002, 2.4%)

Gastos ano a ano entre 1988 e 2021



ATENÇÃO: Para o ano de 1991 não há dados devido ao colapso da URSS.

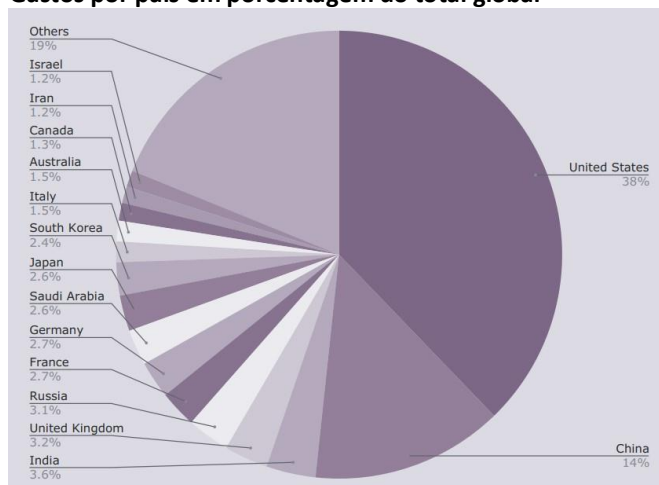
15 maiores gastos

Rank	Spending (\$ b.)		Change (%)		Spending as a share of GDP (%) ^b		World share (%)
	2021	2020 ^d	2020-21	2012-21	2021	2012	
1	801	[293]	-1.4	-6.1	3.5	4.5	38
2	76.6	76.6	4.7	72	[1.7]	[1.7]	[14]
3	68.4	68.4	0.9	33	2.7	2.6	3.6
4	65.9	65.9	3.0	3.7	2.2	2.4	3.2
5	1 305	1 305	2.9	11	4.1	3.7	3.1
Subtotal top 5	1 305	1 305	62
6	56.6	56.6	1.5	13	1.9	1.9	2.7
7	56.0	56.0	-1.4	24	1.3	1.2	2.7
8	[55.6]	[55.6]	-17	-15	[6.6]	[7.7]	[2.6]
9	54.1	54.1	7.3	18	1.1	1.0	2.6
10	50.2	50.2	4.7	43	2.8	2.5	2.4
Subtotal top 10	1 578	1 578	75
11	32.0	32.0	4.6	9.8	1.5	1.4	1.5
12	31.8	31.8	4.0	42	2.0	1.7	1.5
13	26.4	26.4	3.1	40	1.3	1.1	1.3
14	24.6	24.6	11	-17	2.3	2.8	1.2
15	24.3	24.3	3.1	35	5.2	5.6	1.2

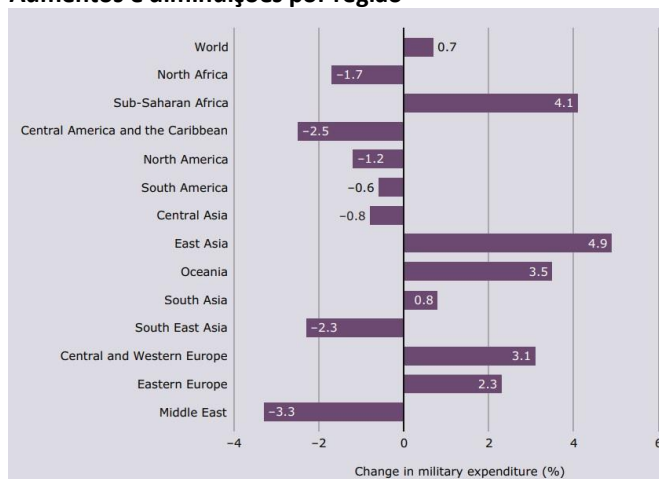
Esta tabela mostra, respectivamente:

- o ranking dos países
- seu gasto em dólares em 2021
- a variação de gasto entre 2020 e 2021
- a variação de gasto entre 2012 e 2021
- gasto como % de PIB em 2021
- gasto como % de PIB em 2012
- gasto de cada país como % do gasto global

Gastos por país em porcentagem do total global



Aumentos e diminuições por região



Em resumo

EUA	38% do gasto global, apesar da redução de 1.4% em comparação a 2020. Pesquisa, desenvolvimento e renovação do arsenal nuclear são os focos.
China	14% do gasto global (era 7,3% em 2010), aumento de 4.7% em relação a 2020, 27 anos de crescimento contínuo dos investimentos.
Índia	3,6% do gasto global. A Índia nem sequer aparecia entre os 10 maiores gastos em 2010.
Reino Unido	3,2% do gasto global, mantendo estabilidade.
Rússia	3,1% do gasto global, 4,1% do PIB, 3 anos de aumento consecutivo.
Top 5	62% do gasto mundial.
Top 15	81% do gasto mundial.
Brasil	Ocupa a 17ª. colocação.

Outros destaques

Ucrânia	36ª. posição no ranking. Aumento nos investimentos desde 2014: 72% 2022: 3.2% do PIB.
Japão	9ª. posição. Aumento de 7.3%, o maior desde 1972.
Coreia do Sul	10ª. posição.
Japão e Coreia do Sul	Temem expansão chinesa e ataques da Coreia do Norte.
Irã	14ª. posição. Voltou a ampliar investimentos após 4 anos de queda.
Austrália	Aumento de 4%.
OTAN	Países mantiveram, na média, a meta de 2% do PIB em gastos militares. Alemanha ficou abaixo, com 1.2%. Após a guerra da Ucrânia, quase todos os países anunciaram aumento nos gastos, a ser visto no relatório de 2023.

Gastos por região em relação ao total

Américas	42%
Ásia e Oceania	28%
Europa	20%
Oriente Médio	8.8% (sobreposição com África)
África	1.9% (sobreposição com Oriente Médio)

3. Tendências

Algumas tendências podem ser destacadas quanto ao setor militar no mundo.

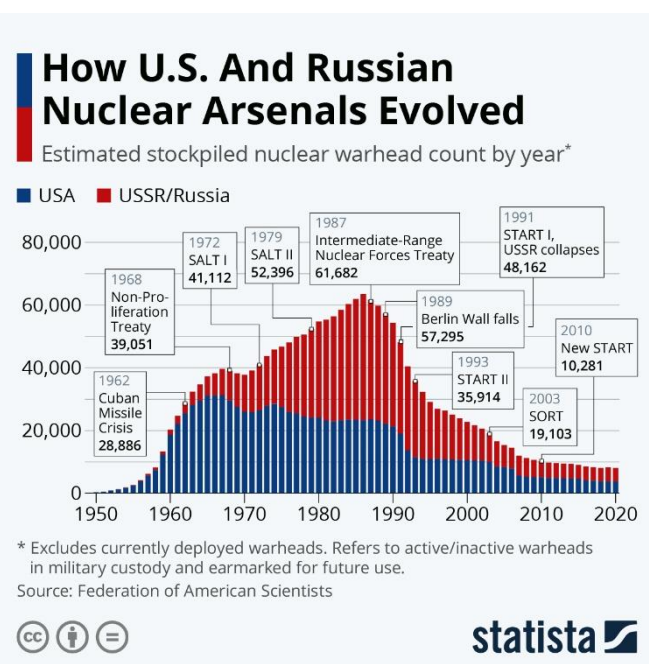
Gasto e PIB	Relativamente estável. Gastos estão aumentando em valores absolutos, mas com o crescimento dos PIBs, a relação em porcentagem tende a se manter estável ou com pequena variação. Crise da Ucrânia e outras questões recentes podem afetar este quadro.
--------------------	---

Forças armadas e população	Diminuição. As forças armadas se mantêm mais ou menos com o mesmo número de pessoas, mas as populações crescem, o que faz com que haja uma parcela menor de população envolvida no setor militar. Tecnologia, em parte, substitui os soldados.
-----------------------------------	--

O fim da Guerra Fria trouxe, também, uma redução dos arsenais nucleares, como se observa abaixo. Tal tendência já era notável a partir dos anos 1980, quando começam a entrar em vigor alguns acordos para limitar o tamanho dos arsenais.

START: Strategic Arms Reduction Treaty, tratado de redução de armas estratégicas.

SALT: Strategic Arms Limitation Talks, negociações para a limitação de armas estratégicas.



4. O complexo militar – industrial e o mercado global de armas.

As empresas são privadas, mas seus produtos e tecnologias são questão de segurança nacional.

Governos nacionais em geral são os grandes consumidores e parceiros. Ao mesmo tempo, definem as regras quanto a outros compradores.

Há veto em relação a certas tecnologias serem ou não vendidas a certos países, em especial rivais atuais ou potenciais.

Variação do comércio 1982 – 2021

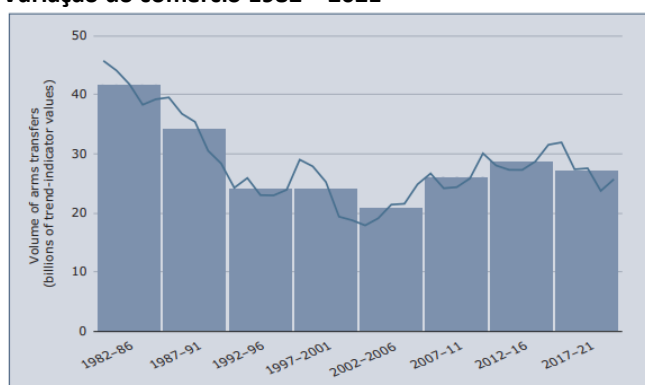


Figure 1. The trend in international transfers of major arms, 1982–2021

Exportação 2017 – 2021

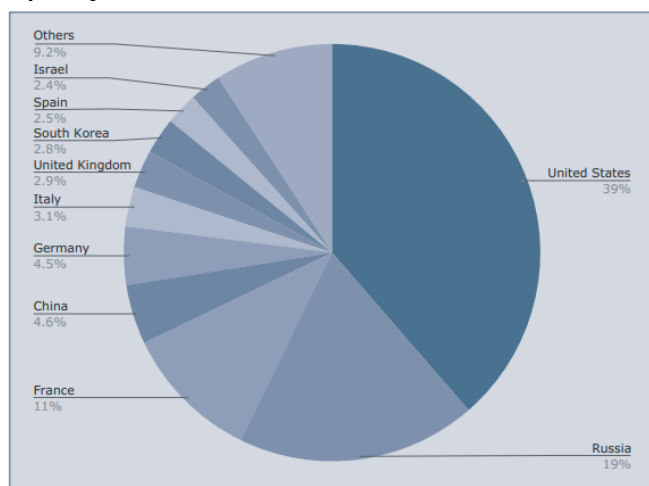


Figure 2. Global share of exports of major arms by the 10 largest exporters, 2017–21

Source: SIPRI Arms Transfers Database, Mar. 2022.

Atenção: os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU estão entre os dez principais fornecedores de armas no mundo.

Em cada um desses países o chamado **complexo militar – industrial** é uma enorme força política. Empresas do setor militar **geram empregos e exportam valores elevados**, contribuindo expressivamente para as economias de seus

países (impostos). Além disso, são **empresas que doam muito dinheiro para campanhas políticas**, de forma a ter seus interesses defendidos pelos governos eleitos.

Dwight Eisenhower, ao se despedir da presidência dos EUA, fez um discurso alertando para o fato:

“Until the latest of our world conflicts, the United States had no armaments industry. American makers of plowshares could, with time and as required, make swords as well. But we can no longer risk emergency improvisation of national defense. We have been compelled to create a permanent armaments industry of vast proportions. Added to this, three and a half million men and women are directly engaged in the defense establishment. We annually spend on military security alone more than the net income of all United States corporations.

Now this conjunction of an immense military establishment and a large arms industry is new in the American experience. The total influence—economic, political, even spiritual—is felt in every city, every Statehouse, every office of the Federal government. We recognize the imperative need for this development. Yet, we must not fail to comprehend its grave implications. Our toil, resources, and livelihood are all involved. So is the very structure of our society.

In the councils of government, we must guard against the acquisition of unwarranted influence, whether sought or unsought, by the military-industrial complex. The potential for the disastrous rise of misplaced power exists and will persist. We must never let the weight of this combination endanger our liberties or democratic processes. We should take nothing for granted. Only an alert and knowledgeable citizenry can compel the proper meshing of the huge industrial and military machinery of defense with our peaceful methods and goals, so that security and liberty may prosper together”

Importação 2017– 2021

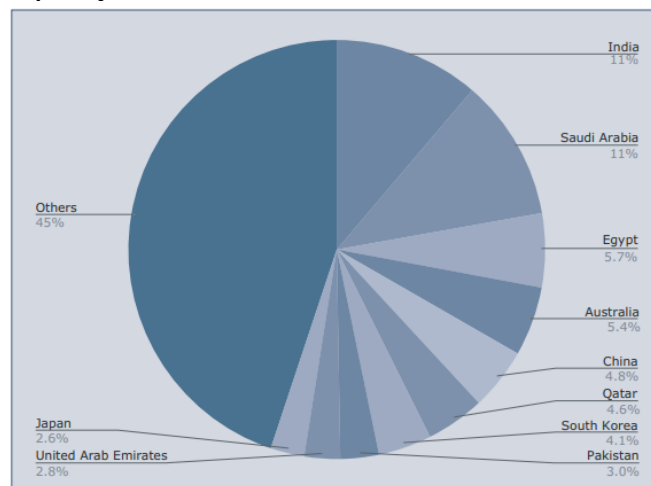
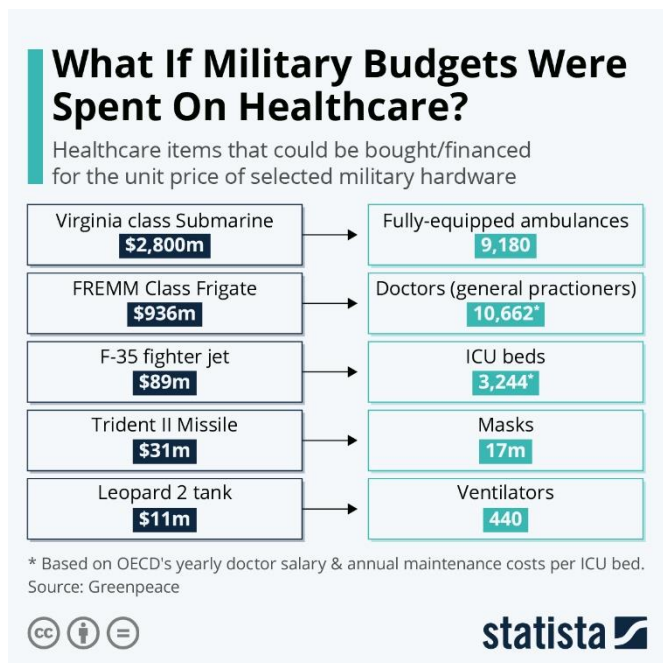


Figure 4. Global share of imports of major arms by the 10 largest importers, 2017–21

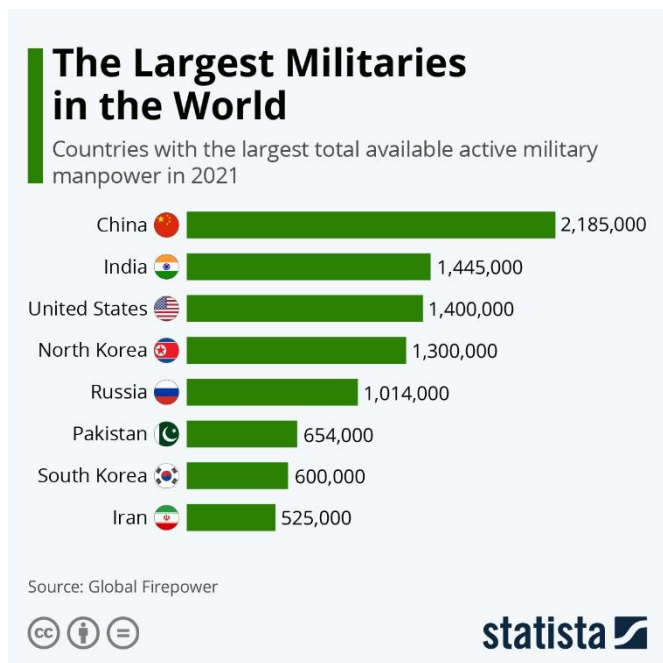
Gasto militar x Gasto em saúde

O gráfico abaixo compara o que seria possível comprar em termos de equipamentos para saúde a partir do quanto se gasta em equipamentos militares.



5. O cenário atual, Guerra de Quarta Geração e Guerra Híbrida

O gráfico abaixo representa os maiores exércitos do mundo em quantidade de soldados, um indicativo direto das tensões nas regiões envolvidas.



Para uma análise teórica, é possível dividir as guerras em tipos e gerações.

Os tipos são regular e irregular, simétrica ou assimétrica, e podem se somar, como uma guerra irregular assimétrica.

Regular	Entre exércitos, forças armadas oficiais. Clara distinção entre civis e combatentes, com eventual presença de acordos sobre como tratar a população e os prisioneiros.
Irregular	Com a presença de guerrilhas e agentes não-estatais, como grupos extremistas. Distinção e acordos não existem ou não são frequentes. Tropas especiais ou de elite também podem estar presentes.
Simétrica	Entre forças razoavelmente de mesmo poder (simetria real e absoluta não existe). Mais comum em guerras regulares.
Assimétrica	Entre forças de poder muito distinto, comum em conflitos irregulares.

Gerações são conjuntos de tecnologias, táticas e estratégias que se mantiveram ou se modificaram ao longo do tempo. Há uma relação direta entre formas de organização política, tecnologias disponíveis e o tipo de guerra/combate possível dentro de cada contexto. As gerações podem conviver em paralelo, dentro do mesmo período⁴ e, até, do mesmo conflito.

Gerações

Primeira	Toda a guerra desde a antiguidade até a pólvora.
Segunda	Guerras da época moderna e contemporânea até a Primeira Guerra Mundial, em que o combate ainda era basicamente entre soldados armados com espingardas e fuzis.
Terceira	Entre o fim da Primeira Guerra e o fim da Guerra Fria, uso de aviões e tanques de guerra, guerra mecanizada que não era mais travada apenas entre em linhas de combate com soldados a pé.
Quarta	Mais comum hoje em dia quando se trata de potências. Estados contra guerrilhas e extremistas. Iraque e

Guerra híbrida	Afeganistão são exemplos. Ocupação longa e forte presença militar não são os objetivos e tendem a ser ineficazes e gerar muita resistência.
	Drones, tropas especiais, amplo uso de espionagem e inteligência para operações pontuais.
	Soma-se à “guerra de quarta geração”, e usa de ferramentas econômicas (sanções), políticas (alianças e blocos para isolar um rival) e ciberguerra (ataques digitais, fake news, uso das redes para gerar ou alimentar tensões e revoltas).
	Nestes cenários, não há uma clara distinção entre civis e militares, política, economia e confronto armado tradicional, todos os fatores se misturam.

O período da Guerra Fria apresentava diversos tipos de conflitos (ou ameaça de conflitos), muitos deles no modelo tradicional de conflito entre Estados.

Em alguns casos havia guerra de guerrilhas ou a mistura de tipos distintos de guerra: Israel contra Estados Árabes, Guerra da Coreia, Guerra do Vietnã, Índia e Paquistão, Guerra das Malvinas, Guerra Irã-Iraque, Guerra do Golfo (1991).

Na África houve diversas guerras de independências em que grupos locais enfrentaram exércitos metropolitanos com uma mescla de estratégias. De qualquer forma, a guerra entre Estados era uma realidade ou ameaça muito presente.

O fim da Guerra Fria e a Globalização trouxeram mudanças importantes. A economia cada vez mais globalizada torna cada vez mais improvável um choque entre Estados já que o prejuízo econômico seria grande demais. Por outro lado, guerras civis e a questão do extremismo trouxeram novas ameaças.

O que se vê cada vez mais é a chamada “**guerra de quarta geração**”, em que muitas vezes um **Estado é confrontado por agentes não-estatais**, grupos extremistas e guerrilheiros que muitas vezes não buscam uma vitória puramente militar e sim um misto de ganho militar e ganho político através de ações simbólicas (terrorismo) que possam levar o inimigo a desistir do conflito. Neste cenário o uso de grandes forças militares é

caro e ineficaz, além de em gerar resistência no caso de ocupações como a do Iraque pelos EUA a partir de 2003. O inimigo se mistura à população civil (Iraque e Afeganistão por exemplo), é de difícil identificação e há uma tendência maior de morte de civis em operações mal planejadas. O uso de **inteligência (espionagem), ataques por drones e tropas especiais** em pequeno número é mais eficaz e gera menos atritos, além de ser mais barato e também gerar menos oposição política doméstica (rejeição da guerra pelos cidadãos do país atacante, como quando a população dos EUA se voltou contra a guerra do Vietnã). **Ainda assim, é essencial que o setor de inteligência não cometa erros pois a morte de civis sempre gera revolta na população. Pessoas que buscam vingança podem se tornar membros de grupos extremistas ou guerrilheiros.**

Entre Estados ou entre Estados e agentes não-estatais há também a chamada “**guerra híbrida**”, que se mistura com a “guerra de quarta geração”, e usa de **ferramentas econômicas** (sanções), **políticas** (alianças e blocos para isolar um rival) e **ciberguerra** (ataques digitais, fake news, uso das redes para gerar ou alimentar tensões e revoltas).

Nestes cenários, não há uma clara distinção entre civis e militares, política, economia e confronto armado tradicional, todos os fatores se misturam em uma mesma direção: enfraquecer ou vencer o inimigo/rival.

6. Conflitos atuais

O mapa abaixo mostra todos os países que, em 2020, registram choques armados entre Estados ou entre Estados e agentes não-estatais, desde grupos rebeldes, guerrilheiros ou terroristas até narcotraficantes.



África e Ásia (incluindo o Oriente Médio) são os continentes que concentram a maioria dos conflitos e também dos importadores de armamentos.

Conflitos atuais, panorama regional aproximado

Oceania	Não registra conflitos atualmente.
Américas	Não há choques entre Estados, apenas choques entre Estados e agentes não-estatais: guerrilhas, milícias, grupos paramilitares e narcotraficantes.
Europa	Sem conflitos desde o fim dos anos 1990 (ex-Iugoslávia), até a guerra da Ucrânia. Recebe os deslocados de outras partes do mundo. Ucrânia: conflito político e econômico com verniz étnico – cultural.
África	Registra conflitos de diversos tipos, com ênfase em guerras civis. Não há conflitos oficiais entre Estados, mas há guerras por procuração, apoio de estados a grupos armados em outro Estado. Norte: maior homogeneidade étnica e religiosa, conflitos tendem a enfatizar política e economia, como a Primavera Árabe ou a crise da Líbia. Há alguma presença de extremistas religiosos, mas os conflitos não se dão entre religiões distintas. Subsaariana: grande diversidade étnica e religiosa agrava conflitos políticos e econômicos, com destaque para disputa sobre recursos como minérios ou energia. Pobreza e deslocamentos populacionais devido a fome e mudanças climáticas também são fator agravante, com destaque para a região da República Democrática do Congo, do Sahel (Mali, Níger, Nigéria), do Chifre da África (Etiópia e Somália) e, recentemente, Moçambique, na costa do Índico.

Oriente Médio Ásia	Registra conflitos de diversos tipos, com ênfase em guerras civis fortemente afetadas por interesses e intervenções externas, além da disputa por recursos naturais. Fatores étnicos e religiosos também estão presentes. Oriente Médio: vive ainda os choques derivados da Primavera Árabe (Iêmen e Síria), da intervenção dos EUA no Iraque e as guerras por procuração entre Arábia e Irã (Iraque, Iêmen, Síria). Há, ainda, a questão nuclear do Irã. Questão entre Israel e Palestina permanece em aberto. Índia e Paquistão disputam a Caxemira , misturando elementos étnicos, hídricos e nucleares. Mianmar registra a perseguição aos rohingya . China busca hegemonia sobre o Mar da China Meridional e Taiwan . Coreia do Norte mantém sua postura antiocidental e de ameaça a Coreia do Sul e Japão.
-------------------------------	--

7. Guerra contra o terror, impactos atuais, deslocamentos

Em 2001, após os ataques do dia 11 de setembro, os EUA lançaram a chamada “Guerra ao Terror” ou “Guerra contra o Terror”, com profundos impactos no cenário atual. Na época, o presidente George W. Bush adotou a postura do “ataque preventivo”, o que depois seria chamado de “doutrina Bush”.

Em termos práticos, além da **invasão ao Afeganistão**, os EUA declararam que **Iraque, Irã e Coreia do Norte formavam o “eixo do mal”**, inimigos dos EUA que deveriam ser atacados ou pressionados de forma a evitar que pudessem atacar os EUA.

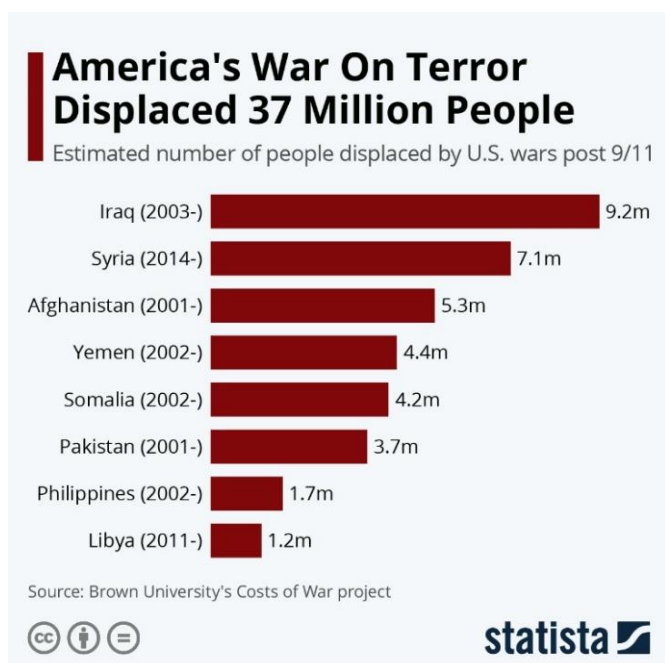
A “Guerra ao Terror” marcou o fim da década de domínio unipolar dos EUA (1991 – 2001) e deixou claros os limites do poder dos EUA, mergulhando o país em questões complexas (Irã e Coreia do Norte) e guerras que se tornaram questões prolongadas, dispendiosas e, ao fim, derrotas. As ações dos

EUA são vistas, também, como parte do processo que levou ao surgimento e crescimento de diversos grupos extremistas islâmicos que se entendem como resistência ao aumento do intervencionismo ocidental-estadunidense.

As guerras da “Guerra ao Terror”, incluindo também a crise da Síria e as outras crises da Primavera Árabe, geraram enormes fluxos de refugiados, agravaram crises já existentes e criaram novas crises ao lançar esses refugiados sobre países vizinhos aos países em guerra ou até regiões mais distantes, como o caso da Europa.

O presidente Obama, em seu discurso de posse, apontou para o fato de que o excesso de foco na “Guerra ao Terror” ajudou a criar o espaço para a ascensão final da China.

Guerra ao Terror Doutrina Bush	Início: 11/09
Invasões	2001: Afeganistão 2003: Iraque
Eixo do Mal	Irã Iraque Coreia do Norte
Outras crises	Síria (ISIS – Estado Islâmico) Líbia Iêmen Apoio a governos autoritários pró-ocidentais na Primavera Árabe.
Consequências	Grupos extremistas dispersos por várias regiões. Ataques aos aliados dos EUA. Refugiados.



Algumas crises já existiam antes de 2001 (Afeganistão por exemplo) e foram agravadas por questões internas, ou surgiram como guerras civis em que, posteriormente, o surgimento de extremistas islâmicos levou ao envolvimento dos EUA.

8. A guerra do Afeganistão

Em 2021, após exatos 20 anos, encerrou-se a guerra do Afeganistão. Como visto acima, na “Guerra contra o Terror”, este conflito foi uma reação ao ataque do 11 de setembro. Inicialmente, apenas os EUA se envolveram diretamente. A partir de 2003, com a invasão ao Iraque, as forças dos EUA começaram a enfrentar problemas cada vez maiores. Neste momento, a OTAN foi chamada a participar da crise afgã, por pressão dos EUA. Veremos em outra aula os detalhes e interesses envolvidos.

Em agosto de 2021, as forças da OTAN se retiraram do país, que foi tomado novamente pelo Talibã. Foi a maior guerra, em duração, da história dos EUA, superando o Vietnã.

A derrota da OTAN foi bastante significativa em termos simbólicos. A imagem da aliança saiu bastante enfraquecida, o que pode ter levado a dois cenários simultâneos: de um lado, a necessidade de rever diversas questões internas, incluindo uma forma de revitalizar seu poder de dissuasão, fortemente abalado; de outro, a possível presunção, por parte de seus rivais, de que essa derrota significava que a OTAN não estaria disposta a se envolver em novos conflitos, ainda que de forma indireta. Este último ponto é apenas uma possibilidade, mas pode ter sido decisivo nos cálculos do governo russo quanto à invasão da Ucrânia.

9. A guerra da Ucrânia

No momento em que esta aula está sendo ministrada (início de maio de 2022) a guerra ainda está em andamento e seu desfecho é imprevisível. Já podemos, no entanto, assinalar alguns pontos, que servirão de base para a análise que será feita, futuramente, em outra aula.

A invasão russa está no contexto de uma crise maior, que se iniciou entre 2013 e 2014, mas que traz também ecos do fim da URSS e do rearranjo de poder mundial após o fim da URSS e da Guerra Fria.

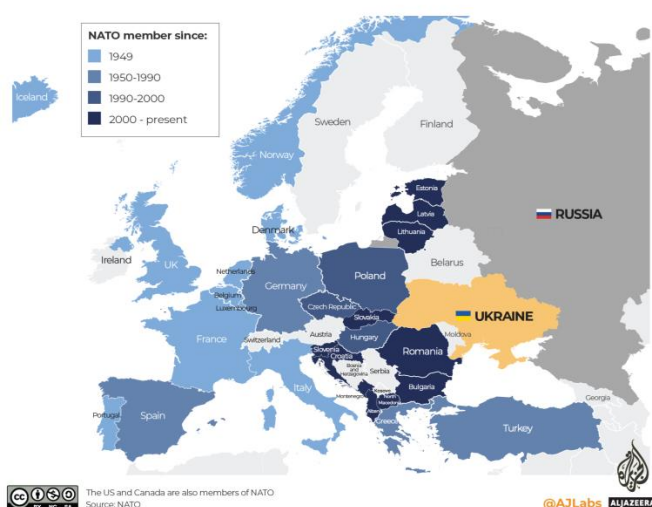
Em resumo, podemos dizer que a Rússia perdeu muito de seu espaço geopolítico com o fim da URSS e o avanço da OTAN e da União Europeia sobre este mesmo espaço, em especial sob o governo de Putin, no poder desde 2000. Entre 2013 e 2014, na Ucrânia, protestos com apoio ocidental levaram à queda de um governo pró-Rússia. Esta crise, que efetivamente dividiu o país, foi o estopim para que a Rússia anexasse a península da Crimeia e passasse a apoiar os movimentos separatistas (e pró-Rússia) da região de Donesk e Lugansk,

conhecida como Donbass. Assim, desde 2014 há um conflito de baixa intensidade na região.

Em 2022, após manobras militares que buscavam mostrar força e, talvez, forçar um diálogo político, a Rússia optou pela invasão que hoje vemos. Inicialmente, a invasão foi justificada por Moscou a partir de dois argumentos principais: a “desnazificação” da Ucrânia e a necessidade de se defender de mais um avanço da OTAN (mapa abaixo).

NATO NATO in Europe

NATO was founded in 1949 by 12 nations. It has since grown to 30 members. Russia opposes Ukraine ever joining the alliance and has accused it of undermining security in the region with its waves of expansion.



O que se seguiu foi uma invasão em que, para a surpresa de muitos, a Ucrânia conseguiu resistir. Esta resistência se deu, em parte, pela adoção de táticas de guerrilha, evitando um ataque frontal às forças russas. Houve, também, erros de cálculo russo quanto a essa resistência, erros de logística e, talvez, um erro de cálculo por parte de Moscou, já que havia um discurso oficial de “libertação” dos ucranianos, um “povo irmão” e o número inicial de tropas envolvidas foi relativamente “pequeno” para o tamanho da ação.

Quanto à resistência ucraniana, parece de fato ter havido todo uma **reformulação de sua doutrina de guerra** desde a crise do Donbass, uma reformulação que não foi notada pela Rússia e pelos analistas internacionais e que foca, justamente, na resistência contra a agressão de um exército maior e melhor equipado. Também é impossível negar que, de forma inédita, houve um **enorme apoio tanto da OTAN, quanto da União Europeia, no sentido de fornecer armas e inteligência, mesmo sem envolvimento direto de forças armadas destes países e blocos**. Este apoio parece ser arte de uma estratégia maior, de contenção mais ampla da Rússia, sendo que a crise atual criou esta possibilidade. Houve, também, a **presença de voluntários, uma “brigada internacional”** como não se viu em outras crises.

Por fim, no campo tecnológico, o **uso de drones** se mostrou absolutamente essencial e inovador.

O desfecho ainda está em aberto, mas já é possível ressaltar estes pontos.

No início do conflito, este era o quadro.

The Russia-Ukraine Military Imbalance

Comparison of selected military statistics for Russia and Ukraine in 2022



Source: GlobalFirepower

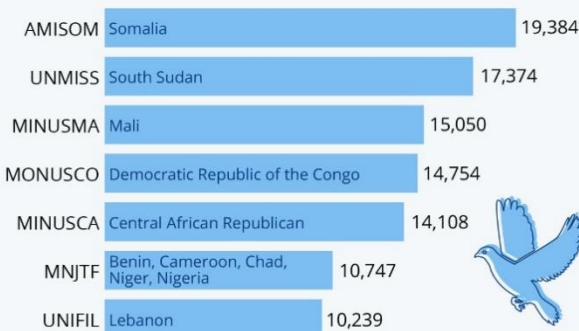


10. Operações de paz

Por fim, os gráficos abaixo tratam das operações de paz. O mapa mundi apresenta as missões ativas entre 2017 e 2018, como referência.

The Largest Peacekeeping Operations In 2021

Personnel involved in the largest active multilateral peacekeeping operations as of May 2021



Source: SIPRI Multilateral Peace Operations Database



PARA CASA & APROFUNDAMENTO

- Leia novamente o material e suas anotações.
- Responda as questões fundamentais da aula.
- Localize em um Atlas todos os países citados na aula.
- Responda as questões do final do material.

Filmes

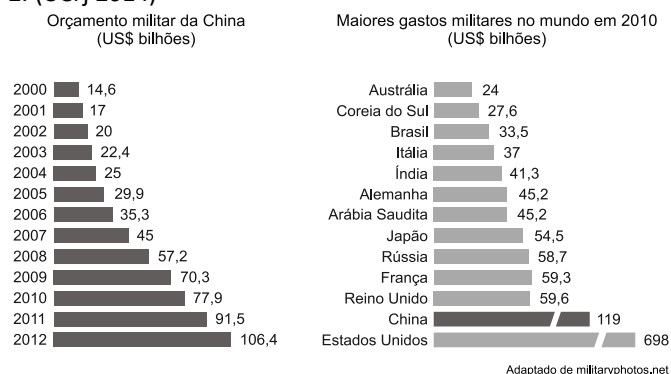
- **O senhor das armas (2005, Nicolas Cage):** baseado em fatos reais, trata do comércio internacional ilegal de armas e sua relação com governos nacionais. Preste atenção em especial ao diálogo final.
- **Razões para a guerra (Why we fight - 2005), documentário:** discute as motivações que levaram os EUA a investir na sua expansão militar nos últimos 50 anos. Traz entrevistas com soldados, oficiais do governo, congressistas e acadêmicos numa análise sobre as consequências globais da guerra.

QUESTÕES

1. (Uepa 2014) O mundo muda tecnologicamente a passos largos. As comunicações são cada vez mais velozes e eficientes e essas mudanças se fazem presentes também nos armamentos bélicos e químicos usados nos vários conflitos de nossos tempos, principalmente no Oriente Médio, palco de muitos desses conflitos. Do assunto em questão, é correto afirmar que:

- nos dias atuais os conflitos tornaram-se mais cruéis devido ao uso de armas químicas, fato ocorrido recentemente na Síria, um dos países onde ocorrem os conflitos mais violentos e de caráter exclusivamente religioso.
- os conflitos que ocorrem nesta região quase sempre têm intervenção das grandes potências mundiais, como ocorre atualmente com o Conflito Sírio, onde a rápida intervenção da Rússia, aliada aos Estados Unidos, eliminou os ataques aos rebeldes sírios.
- o uso de armamentos sofisticados faz com que os conflitos atuais tenham rápidos desfechos, como aconteceu com a chamada Primavera Árabe, onda revolucionária de manifestações e protestos, de caráter principalmente étnico, ocorrido no Egito.
- os conflitos que ocorrem na região são causados exclusivamente por questões de fronteiras e domínios de territórios estratégicos no contexto mundial. Na região há predomínio significativo de povos e cultura de origem judaica.
- neste cenário, os EUA têm um papel muito importante, tanto pelo seu poder econômico e tecnológico em nível mundial, quanto pelo interesse na região devido ao intenso poderio energético. O Oriente Médio é descrito pelos EUA como sendo “a região mais estratégica do mundo”.

2. (Uerj 2014)



O gasto militar é um dos indicadores do poder dos países no cenário internacional em um dado contexto histórico.

Com base na análise dos dois gráficos, pode-se projetar a seguinte alteração na atual ordem geopolítica mundial:

- eliminação de conflitos atômicos
- declínio da supremacia europeia
- superação da unipolaridade bélica
- padronização de tecnologias de defesa

ATENÇÃO: As questões abaixo são antigas, refletem a forma como as provas cobraram o início da “Guerra ao Terror” quando o tema estava na mídia. Hoje, 2022, temos ainda os ecos da retirada da OTAN do Afeganistão em 2021. Também é provável que haja novas questões sobre a anexação russa da Crimeia (que será parte de outra aula), da expansão da OTAN e da guerra que ocorre em 2022. As questões abaixo podem servir de modelo, os mesmos temas podem surgir novamente, tema da mesma forma ou incorporando estes temas a uma questão atual, comparando passado e presente.

3. (Fgv 2002) Após os acontecimentos no World Trade Center, que fizeram do 11/09/01 um marco na geopolítica contemporânea, os Estados Unidos estão dando sinais cada vez mais fortes de que o Iraque, após o Afeganistão, vai ser a próxima vítima do que Washington chama de "guerra contra o terrorismo". Num famoso discurso, George W. Bush incluiu, além do Iraque, outros países integrantes do "eixo do mal". Um deles alinhava-se com a URSS, durante o período da Guerra Fria. Trata-se de:

- Coréia do Norte, país de regime fechado que possui capacidade de produzir e exportar armas nucleares.
- Colômbia, que possui grande parte de seu território controlado por narcotraficantes associados à guerrilha.
- Índia, por não respeitar acordos internacionais como os da OMC e violar as normas da ONU para os direitos humanos.
- Arábia Saudita, por seu apoio financeiro a organizações terroristas internacionais, como o Hamas e o Al Qaeda.
- Rússia, que tem graves conflitos separatistas internos e é detentora do segundo maior arsenal bélico mundial.

4. (Ufrgs 2002) Acusado de abrigar grupos terroristas em seu território, o Afeganistão tornou-se alvo de retaliação dos Estados Unidos por causa dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001 nas cidades de Nova Iorque e Washington. Com relação aos países envolvidos nesse conflito e às novas derivações geopolíticas e econômicas daí resultantes, são feitas as seguintes afirmações.

I - A mistura étnica no Afeganistão é um importante componente da guerra civil que assola o país desde a partida dos invasores soviéticos em 1989. Os patanes compõem a maioria absoluta do Talibã, enquanto que os tadjiques formam a maioria das forças que lutam contra o Talibã.

II - Para qualquer tropa invasora, o território afegão é bastante inóspito. Contribuem para isso as variações climáticas regionais, com invernos extremamente frios e verões muito quentes.

III - Nos últimos anos, os norte-americanos e os ingleses vinham tentando uma aproximação comercial com o governo talibã. O interesse são as jazidas petrolíferas do Mar Cáspio, cujas reservas são maiores que as dos países do Golfo Pérsico.

IV - Os Estados Unidos obtiveram dois parceiros estratégicos

na sua ofensiva militar contra o Afeganistão: o Japão e a Rússia. O primeiro é um importante aliado devido às suas boas relações com as ex-repúblicas soviéticas vizinhas ao Afeganistão; já a Rússia, em apoio à luta contra o terrorismo, aprovou uma lei que permite ações militares pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas I e III.
- c) Apenas II e III.
- d) Apenas II e IV.
- e) Apenas III e IV.

5. (Unesp 2003) "Cinema: A soma de todos os medos. Ação. Diretor: Phil Alden Robinson. EUA/2002. Agente da CIA tenta acabar com os planos de terroristas árabes, que querem explodir uma bomba nuclear no dia da final do campeonato de futebol americano, fato que poderia dar início à terceira guerra mundial".

("O Estado de S.Paulo", Guia, 12 a 18.06.2002)

O enredo do filme relaciona-se ao contexto contemporâneo, por

- a) expressar os esforços dos norte-americanos para manter a paz mundial, ameaçada pelo ressurgimento da Guerra Fria.
- b) recriar, no mundo da ficção, os ataques que as organizações israelenses, em luta contra os palestinos, têm dirigido aos Estados Unidos.
- c) associar árabes a terrorismo, imagem que se intensificou após os ataques ocorridos nos EUA em 11 de setembro de 2001.
- d) evidenciar a eficiência da CIA, órgão responsável pelo combate ao terrorismo em âmbito internacional.
- e) chamar atenção para os efeitos destruidores das armas nucleares, cuja tecnologia está disponível na internet.

Gabarito 1: E. A alternativa E se mostra a correta por comparação com as outras. [A] está incorreta, houve uso de armas químicas na Primeira Guerra Mundial e outros conflitos no próprio Oriente Médio. [B] está incorreta, Rússia e EUA não são aliados. [C] está incorreta, a Primavera Árabe não foi uma questão majoritariamente rápida e algumas de suas crises ainda persistem. [D], incorreta pois os conflitos do Oriente Médio não são exclusivamente de fronteira, nem há predomínio judaico na região; 2: C A alternativa [C] está correta, já que hoje o mundo não tem apenas uma potência militar. O risco de um conflito atômico persiste, mas a tabela não permite analisar esta questão, a supremacia europeia em termos militares já havia declinado a partir de 1945 e as tecnologias de defesa não são padronizadas.; 3: A. Das alternativas apresentadas, apenas a Coreia do Norte faz parte do chamado "eixo do mal"; 4: A. A questão pode ser resolvida sem o conhecimento específico da matéria sobre o Afeganistão, por eliminação. III está errada, o Mar Cáspio não tem reservas maiores que o Golfo Pérsico. IV está errada, não há uma aliança estratégica entre EUA, Rússia e Japão.; 5: C. Após o 11 de setembro, a islamofobia e o preconceito contra árabes aumentaram muito, confundindo árabes com muçulmanos e considerando todos uma ameaça. Sobre as alternativas erradas, não há uma nova Guerra Fria, nem ataques de israelenses aos EUA, a CIA falhou ao não prevenir o ataque do 11 de setembro e a tecnologia para desenvolver bombas nucleares não está toda disponível na internet, em especial quanto ao processo de enriquecimento de urânio.